

Seminário destaca desafio de eliminar os HCFCs na próxima década, para a proteção da Camada de Ozônio.

14º Seminário de Comemoração do Dia Internacional do Ozônio reuniu especialistas na sede da SMA e CETESB.

Você já pensou que a espuma de sua poltrona, ou a capa que forra o braço do seu sofá, ou ainda o fluido refrigerante do ar condicionado do seu carro contém em sua composição o HCFC, isto é, o hidroclorofluorcarbono, um dos gases destruidores da Camada de Ozônio? Imagine, então, as mudanças que serão necessárias e que atingirão as indústrias automotiva, de refrigeração e moveleira, entre outras, de importância no cenário nacional, frente ao desafio de eliminar gradativa e obrigatoriamente, na próxima década, o uso dos HCFCs em seus produtos, consumidos por milhões de brasileiros. Por aí pode -se dimensionar a importância das discussões e apresentações feitas por especialistas do assunto no 14º Seminário de Comemoração do Dia Internacional de Proteção da Camada de Ozônio, em 18.11, na sede da Companhia Ambiental do Estado de São Paulo – CETESB e da Secretaria Estadual do Meio Ambiente – SMA.

Conforme os dados apresentados por Euler Martins Lage, da Secretaria de Mudanças Climáticas e Qualidade Ambiental do Ministério do Meio Ambiente, o “buraco” na Camada de Ozônio continua aumentando a cada ano, sendo que em 2008 era de cerca de 27 milhões de quilômetros quadrados. Ele informou também que o câncer de pele, uma das consequências danosas à saúde humana em função da perda da proteção - realizada pela Camada de Ozônio - contra os raios solares ultravioletas, já ocupa a terceira posição no Brasil, entre os diversos tipos de câncer. Martins informou ainda que este ano e em 2010 está sendo elaborado o Programa Brasileiro de Eliminação dos HCFCs.

Já segundo Ruy de Goes Leite de Barros, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD, o HCFC tem um potencial de destruição da camada 10 vezes menor que o clorofluorcarbono - CFC, já praticamente banido no país, porém é uma das substâncias destruidoras importantes, até pela sua intensa aplicação em diversos setores industriais no Brasil – nos chamados “países desenvolvidos”, o “congelamento” do uso de HCFCs teve início em 1996.

Por isso, de acordo com Ruy de Goes, a construção da estratégia nacional visando a eliminação dos HCFCs deverá contemplar planos setoriais, mudanças na legislação e consultas públicas a todos os setores interessados. Ele concluiu com uma informação essencial: o Brasil contará com recursos do Fundo Multilateral – FML do Protocolo de Montreal, que recebe os recursos dos países desenvolvidos, para financiar a conversão nos países em desenvolvimento.



Especialistas prestigiaram o seminário



Josilene Ferrer e Maurício Pinheiro Xavier



Presidente da CETESB, Fernando Rei, e autoridades presentes na abertura do evento



Paulo Neulaender, da Abrava

Conforme o representante do PNUD, pelos CFCs, 254 empresas brasileiras receberam recursos do FML, a fundo perdido, da ordem de US\$ 90 milhões.

Se depender de Paulo Neulaender, diretor da Associação Brasileira de Refrigeração, Ar Condicionado, Ventilação e Aquecimento – Abrava, que juntamente com a CETESB e a SMA promoveu o encontro, o setor de refrigeração cumprirá a sua parte. Ele fez um breve histórico das ações do Grupo Ozônio, que agora passou a se denominar Grupo Clima Ozônio, dando conta de que nos 14 anos de sua existência, o grupo, fundado por representantes da CETESB, para estimular a proteção da camada de ozônio e divulgar boas práticas, só vem crescendo e obtendo novas adesões. Conforme Neulaender, foram 14 seminários, realizados anualmente, com média de 230 participantes, inúmeras palestras em indústrias e universidades e uma lista eletrônica com mais de 18 mil participantes, além de parcerias sólidas com instituições privadas e governamentais.

Mas ele advertiu que o desafio de eliminar o HCFCs será grande: “Nós consumimos no Brasil cerca de 900 toneladas por mês de HCFCs, sendo que 50% se perde em manutenção”.

Comemorações e Protocolos de Montreal e de Kyoto

E, afinal, há motivos para o Brasil comemorar o Dia do Ozônio? Pelo menos as autoridades presentes na abertura do evento, como o presidente da CETESB, Fernando Rei, o diretor da Abrava, Samuel Vieira de Souza, e o representante do PNUD, Anderson Alves, entre outros, foram unânimes em afirmar que sim. Fernando Rei citou a universalização e o êxito obtidos pelos trabalhos desenvolvidos em todo o mundo no âmbito do Protocolo de Montreal, assim como a antecipação dos prazos de banimento do CFC no Brasil, como exemplos de sucesso.

Ele afirmou também que o novo direcionamento dado pelos participantes do seminário, unificando as discussões e esforços em torno do Protocolo de Montreal e do Protocolo de Kyoto – referente ao aquecimento global – mostra que os trabalhos estão na direção certa: “Na CETESB, camada de ozônio e o clima sempre trabalharam juntos, por tratarem de assuntos da atmosfera. E o Governo de São Paulo deu mais um passo à frente, com o inventário de gases de efeito estufa, coordenado pela CETESB”.

Samuel Vieira, da Abrava, destacou justamente a mudança no foco dos trabalhos desenvolvidos pelos especialistas de camada de ozônio, com a inclusão da palavra “clima” ao Grupo Clima Ozônio, ex-Grupo Ozônio. “O foco começa a se mover, não tem como falarmos em meio ambiente sem falarmos das mudanças climáticas”, disse.

Anderson Moreira Alves expressou principalmente sua satisfação pela comemoração dos 14 anos de conquistas na proteção da camada de ozônio, no que foi acompanhado por Euler Lage, do Ministério do Meio Ambiente: “Esta data tem todos os motivos para ser comemorada, pois hoje

vemos a participação de todos os países do mundo no acordo mundial, mostrando que neste assunto não temos fronteiras”.

E para coroar as comemorações, durante o evento, foi realizada uma cerimônia de homenagem, pelo Grupo Clima Ozônio, Abrava e CETESB, a dois dos mais ativos participantes dos trabalhos em prol da camada de ozônio, no Estado de São Paulo: Josilene Ticianelli Vannuzini Ferrer, gerente do Setor de Clima e Energia da CETESB, e Maurício Pinheiro Xavier, da Du Pont. Quem sabe, com o exemplo dado por estes dois homenageados e o aumento e concentração dos esforços, em nível mundial, para o banimento das substâncias destruidoras do ozônio na estratosfera, a previsão de um dos participantes do seminário realmente se cumpra: a Camada de Ozônio completamente recuperada no ano de 2050.

Texto

Mario Senaga

Fotografia

José Jorge